

# O sindicatos querem mais espaço

*A ajuda da comunidade internacional pode contribuir para aprofundar as desigualdades sociais se os trabalhadores não tiverem um papel na fase de reorganização iniciada com o retorno de Aristide*

**Douglas W. Payne\***

**O**s sindicatos haitianos têm sido até agora ignorados nos planos de reconstrução do Haiti. Tendo demonstrado coragem e resistência memoráveis durante os anos de repressão, eles podem e devem ser parte da reconstrução do país. É um consenso entre os setores populares do país que, se o objetivo dos Estados Unidos e da comunidade internacional é um Haiti mais democrático, os trabalhadores haitianos devem ser apoiados e reconhecidos.

Na última semana de outubro encontrei-me em Porto Príncipe com delegações de 11 confederações trabalhistas democráticas que representam camponeses, operários, professores, funcionários públicos, motoristas de táxi e vendedores ambulantes. Eles contaram que os sindicatos foram um dos principais alvos

da repressão do antigo regime militar. Dúzias de ativistas foram assassinados, centenas presos e torturados, mulheres ativistas foram agredidas sexualmente, enquanto as sedes dessas associações foram saqueadas e as casas dos seus principais membros, incendiadas.

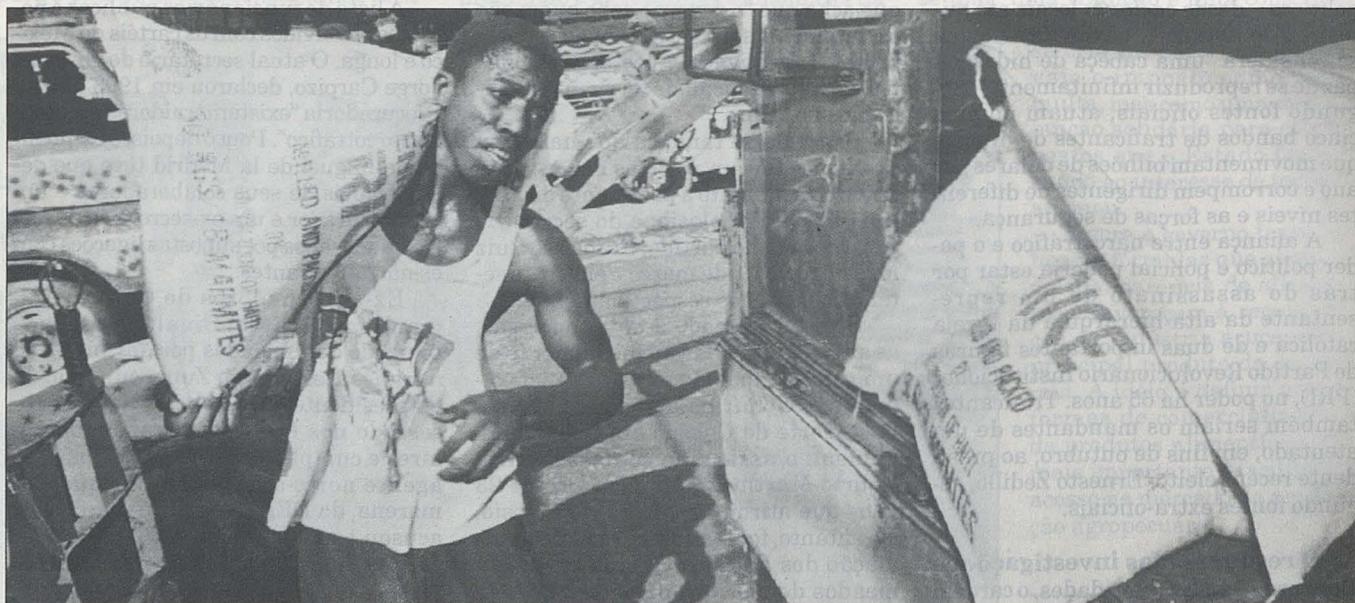
Alguns líderes sindicais foram forçados a se exilar, mas muitos continuaram a trabalhar na clandestinidade, para preservar suas organizações. Os sindicatos norte-americanos e internacionais contribuíram com a sua luta através de ajuda humanitária e de declarações de apoio.

Os sindicatos são especialmente gratos a Georges Exceus, um ativista sindical haitiano que é o responsável pela sucursal que funcionou no Haiti durante os últimos três anos do Instituto Americano para o Desenvolvimento do Trabalho Livre (vinculado à central sindical norte-americana AFL-CIO).

Mesmo correndo grande risco pessoal, Exceus escondeu centenas de pessoas dos militares, se esforçou para libertar outras da prisão, providenciou linhas de comunicação para os que trabalhavam na ilegalidade e ajudou a coordenar a distribuição da ajuda estrangeira.

**Participar na nova etapa** – Os sindicatos agora estão ávidos por contribuir na construção de um Haiti democrático. O movimento sindical do país é jovem, tendo emergido apenas depois da queda de Jean-Claude "Baby Doc" Duvalier, em 1988.

Hoje, depois de uma sucessão de regimes militares e com a restauração do governo do presidente Jean-Bertrand Aristide, as organizações sindicais querem começar o trabalho de superação das notórias desigualdades sociais e econômicas que originam os infortúnios do povo haitiano.



*As demissões em massa e a repressão afetaram os sindicatos, que reuniam 200 mil trabalhadores antes do golpe de 1991*

Mas eles reconhecem a dimensão do desafio. O embargo imposto pelas Nações Unidas ao regime militar deixou mais de 70% dos trabalhadores haitianos desempregados e o país precisa da ajuda externa para reconstruir a economia devastada. O temor dos sindicatos, entretanto, é serem deixados de fora da etapa que se iniciou com a volta do presidente constitucional.

Os projetos estabelecem que a ajuda internacional para o Haiti será de US\$ 550 milhões ao longo do próximo ano, US\$ 218 milhões dos quais virão dos Estados Unidos. Os objetivos econômicos do programa são estimular o crescimento e criar empregos. Mas, pelo que se pode observar, a ênfase será colocada na reforma estrutural e no papel da iniciativa privada, que na sua maior parte apoiou o golpe de 1991 contra Jean-Bertrand Aristide.

**Pressões em favor das elites** – O crescimento econômico requer capital e pessoal que saiba como usá-lo. Esta é a razão pela qual a comunidade financeira internacional exortou o presidente Aristide a buscar a reconciliação com a elite haitiana.

Mas o Haiti é uma nação de trabalhadores e sua história é a da exploração extrema das camadas populares pelas oligarquias aliadas aos militares. Teme-se no país que, se não for dada voz aos trabalhadores no processo de reconstrução, o crescimento econômico beneficiará apenas os ricos e preparará o cenário para a volta da instabilidade política.

Os sindicatos haitianos também são importantes nesta fase, como um núcleo para a construção da sociedade civil, sem a qual a democracia haitiana não se sustentará. O regime militar tentou apagar toda iniciativa de organização independente. Mas os sindicatos sobreviveram e agora oferecem um dos poucos instrumentos através dos quais a maioria empobrecida do Haiti pode resgatar a sua dignidade.

Isto é particularmente válido para as mulheres haitianas, cuja tradicional marginalização deixou-as vulneráveis a formas específicas de repressão, incluindo a exigência de favores sexuais em troca de trabalho. Muitos dos sindicatos de Porto Príncipe incluíram mulheres em seus comitês executivos, algo que não pode ser dito dos partidos políticos haitianos, dominados por homens.



*Os ativistas sindicais foram um dos principais alvos da repressão militar*

**Uma organização de alcance nacional** – Os trabalhadores organizados podem contribuir na distribuição da ajuda humanitária, como, por exemplo, no fornecimento de assistência médica básica e imunização. A infra-estrutura social haitiana foi severamente danificada nos longos anos de ditadura, limitando a capacidade do país de absorver ajuda externa. Os sindicatos, por representarem os trabalhadores rurais e urbanos através do país, são um dos melhores meios disponíveis para a efetiva distribuição de assistência básica.

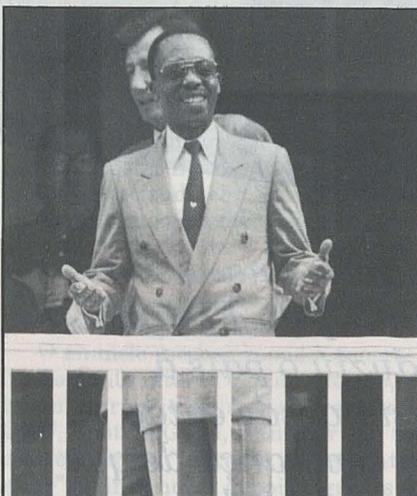
Duas coisas são necessárias se os sindicatos haitianos vierem a desempenhar esse papel, tão importante para a transformação do Haiti. Em primeiro lugar, os direitos dos trabalhadores devem ser reconhecidos por lei e respeitados na prática. O governo de Aristide

deu um primeiro passo em direção a este objetivo ao propor uma comissão tripartite reunindo os trabalhadores, o governo e o setor privado.

Uma comissão como esta é essencial, porque criará um canal através do qual os sindicatos poderão pressionar pela reforma do deficiente código trabalhista e participar na definição de níveis mínimos para os salários. Os doadores estrangeiros devem estar preparados para pressionar o setor privado caso este coloque obstáculos para a formação desta comissão.

Em segundo lugar, os sindicatos haitianos precisam de ajuda concreta para se reorganizar depois de terem sido tão golpeados. As demissões em massa e a repressão afetaram profundamente os quadros das organizações sindicais, que reuniam cerca de 200 mil trabalhadores antes do golpe de 1991. A reorganização requer equipamento para as instalações, formação política e os meios para chegar até o povo.

O Haiti tem muitas necessidades e o pacote de ajuda internacional está destinado a cobrir muitas prioridades, que vão do estímulo à economia ao estabelecimento de uma polícia civil e a reforma do sistema judiciário. Mas, dado o retorno potencial do investimento em um movimento sindical vibrante, tanto a curto quanto a longo prazo, apoiar a reorganização dos trabalhadores democráticos haitianos também deve ser uma prioridade. ■



*Aristide: maior desafio é reconstruir a economia e reduzir as desigualdades*

\*Douglas W. Payne, jornalista norte-americano especialista em política latino-americana e caribenha da Instituição de defesa dos direitos humanos Freedom House ("Casa da Liberdade"), em Nova Iorque, visitou recentemente o Haiti